

## UTOPIA OU DISTOPIA: *sonhos contemporâneos de Longevidade*

**Mirella Ramos Costa Pessoa<sup>1</sup>**

Dr. David Sinclair explica para a audiência do seu Tedx Talks<sup>2</sup> “por que envelhecemos e por que não deveríamos envelhecer”. No nível micro do DNA, o cientista demonstra a causa do envelhecimento dos nossos corpos, aquela provocadora das falhas comumente conhecidas e atribuídas ao fim da vida: as falhas da memória, a fragilidade dos ossos, a perda de força muscular. Segundo o palestrante, o envelhecer poderia ser explicado como um erro de “leitura de informação”, e propõe que, num futuro próximo, será possível corrigir esse erro e retardar ao máximo a velhice.

Em algum período indefinido do futuro, na série *Ad Vitam*,<sup>3</sup> a velhice praticamente já não existe mais, as descobertas científicas possibilitaram o acesso da população ao processo de “regeneração”. Celebrado pelos jornais do mundo inteiro, a mulher que conseguiu alcançar uma “saúde impecável aos 169 anos” não apresenta no corpo ou no rosto os traços que tradicionalmente poderiam estar associados a alguém que viveu por tantos anos neste mundo terreno. A série veicula imagens de uma sociedade que começa a questionar a concepção de morte e a pertinência de manter-se a fecundidade da população em uma realidade onde todos poderão viver (possivelmente) até a eternidade.

As imagens de um futuro que alcança a longevidade estendida nos fazem refletir sobre aspectos da vida, da vida biológica, da vida socialmente concebida, do prolongamento e do fim dessa vida. De modo individual e coletivo tais imagens inundam nossa imaginação e orientam outras possibilidades (desejáveis ou não) para o que esperamos para a duração de nossas existências. É a partir da reflexão sobre a longevidade que, para esta pesquisa, questiono: quais imagens do desejo de existências prolongadas circulam no contemporâneo? Que reconfigurações possíveis para as concepções atuais de morte e de finitude elas movimentam? Falamos aqui de imagens que, materializadas no presente, apontam para um futuro, ao mesmo tempo que, embebidas de um outrora, procuram expressar o que ainda está

1 Doutoranda pelo PPGCom da UFPE, orientadora: Profa. Cristina Teixeira. E-mail: [mihpessoa@gmail.com](mailto:mihpessoa@gmail.com).

2 “David Sinclair | *Why We Age and Why We Don't Have To* | Talks at Google”, disponível em <https://bit.ly/2KWwXiu>, acesso em: 09 out. 2020.

3 Dirigida por Thomas Cailley, a série francesa estreou em 2018 na plataforma de *streaming* Netflix.

porvir, ou o que poderia se esperar desse porvir. E então, considerando uma experiência particular de futuro (KOSELLECK, 2006) que se constitui no contemporâneo, caberia ainda questionar se seria possível entender tais imagens como utópicas ou não. A hipótese levantada nesta pesquisa é a de que o senso de futuridade contemporâneo – inundado por uma hipervisibilidade de previsões e projeções tecnocientíficas e pela profusão de simulações e tecnologias antecipatórias, termina por enfraquecer o aspecto de virtualidade, de alteridade, de abertura, de diferença e de possibilidade de invenção do futuro, fazendo também sucumbir uma imaginação utópica para os sonhos de longevidade, atualmente colonizados pelas imagens de um futuro em que a conquista da longevidade ganha tons majoritariamente distópicos (BERARDI, 2019).

A partir da perspectiva genealógica (FOUCAULT, 1979, 1988, 1999) e considerando as imagens imersas em um regime próprio de visibilidade (DELEUZE, 1988), aqui investigarei o que essas imagens dizem sobre as expectativas de uma sociedade para o futuro, para nossa relação com as etapas da vida, individual e coletiva. Como esses desejos estão relacionados com as dinâmicas de poder do seu tempo e com seus contextos históricos, políticos, sociais e econômicos? De que modo essas imagens estão também relacionadas a processos de subjetivação e de constituição de subjetividades? Nesse sentido, esta pesquisa aponta para a investigação da emergência do conceito de longevidade: quais teriam sido as condições de possibilidade de seu surgimento? Em contraste com outro regime e contexto histórico, aquele da modernidade, procuraremos investigar quais eram as imagens que circulavam em torno de um desejo de prolongamento da vida humana. Elas existiram? De que modo se relacionavam com os saberes-poderes e com a experiência temporal da modernidade? Quais estratégias de poder elas denunciam?

**Palavras-chave:** longevidade; futuro; regime de visibilidade; utopia; distopia.

## Referências

- BERARDI, F. *Depois do futuro*. São Paulo: UBU Editora, 2019.  
DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.  
FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.  
FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.  
FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20ª ed. Petrópolis: Editora Vozes,



Dissonâncias do contemporâneo:  
Espaços e (des)construção de saberes

Período de submissão dos resumos:  
30 de Novembro de 2020  
até 15 de Janeiro de 2021



1999.

**KOSELLECK, R.** *Futuro Passado: contribuição semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2006.